

MAUSS, Marcel. *Profissão etnógrafo, método sociológico*. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE*, 9 (27): 1045 a 1055. ISSN 1676-8965, dezembro de 2010.
<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

TRADUÇÃO

Profissão etnógrafo, método sociológico¹

Marcel Mauss

Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury

A Seção de Ciências Religiosas da École des Hautes Études fez a grande honra de me chamar para substituir o meu velho mestre. É hora de dizer em qual espírito vou me esforçar para desempenhar as tarefas atribuídas a mim. Claro, meus senhores, não devo expor-lhes todos os projetos que formulei, pois me arrisco a uma promessa que não poderia cumprir. Bastará, espero, marcar hoje, com todo o rigor, algumas tendências que sigo no trabalho que empreenderemos. E, uma vez que, anteriormente, tive uma conversa com o Sr. Marillier sobre como dirigir esta conferência, vou me limitar a tratar da mesma questão. Qual será o sujeito e o objeto de nossos cursos? Como observaremos os fatos que recolheremos? Como poderemos explicá-los? Aqui

¹ Texto elaborado para a lição de abertura do curso sobre a história das religiões dos povos civilizados, publicado originalmente na *Revista de História das Religiões*, 45: 42-54, 1902. Reproduzido em Marcel Mauss, *Oeuvres*, v. 3, Paris: Editions de Minuit, 1969, pp. 365-371.

estão os três problemas, de campos diferentes e conexos, sobre os quais devo uma declaração franca, sobre o que e como eles podem dizer e sobre o que se pode esperar de mim.

Porém, [as respostas a tais problemas] serão fornecidas pela análise dos fatos. É claro que acima de tudo, devemos salvá-los, guardá-los e criticá-los. Aqui, meus senhores, enfrentaremos preconceitos arraigados, invencíveis, não apenas do público em geral, mas, até mesmo, entre os cientistas mais experientes. Os fatos etnográficos são cercados de descrédito. Vocês afirmarão que este fato nunca passou de uma desconfiança infundada. Nós estamos infinitamente melhor informados, como podem ver, do ritual das festas agrárias dos Hopis do que do sacrifício levítico, e mais do que do ritual sacrificial dos gregos. Observações recentes de etnógrafos são de uma precisão e riqueza, e de uma certeza e segurança incomparáveis. Os senhores Powell, Walter Fewkes, Bourke, têm fotografado, eu diria filmografado, as danças, os gestos, as procissões, os objetos rituais dos Hopis e dos Mokus do Arizona. Eles têm fonografado, transcrito, traduzido, as fórmulas recitadas pelas irmandades da "Flauta" e da "Serpente". Sob a direção dos próprios Huicholes o Sr. Lumholz leu, decifrou e fotografou os seus "escudos protetores de oração". As observações que os doutores Haddon e Ray fizeram e vão publicar sobre os negros das ilhas do Estreito de Torres é mais completo e preciso, talvez, do que os recenseamentos e descrições elaborados por um departamento de estado francês sobre os usos e costumes dos seus habitantes. Eu nunca terminaria a

lista de registros admiráveis coletados durante os últimos 30 anos por Hale, por Powell, e por toda a galáxia de etnográficos que cercam o Departamento de Etnologia, como Bastian, como von den Steinen, ou como Codrington e Ellis e Jacottet e Riedel. Além do mais, as observações de alguns autores são de valor raro. Por exemplo, Callaway compôs o seu livro sobre o *Système Religieux des Amazulus (Sistema Religioso do Amazulus)*, da mesma forma como os irmãos Grimm coletaram suas histórias. Ele conhecia a língua e escreveu sob as narrativas dos anciãos autorizados. Pe. Morice entre os Dene Dindjés e Pe. Petitot entre os índios da região dos Grandes Lagos do Canada conheciam a língua dos seus catecúmenos tanto quanto os jesuítas do século XVIII conheciam a religião dos iroqueses e algonquinos; o conhecimento do P. Gumila Abipones sobre os Abipons da América do Sul, era melhor do que o conhecimento de alguns missionários italianos do século XVIII sobre os costumes e rituais das tribos das margens dos rios do Congo.

Senhores, os documentos são terreno seguro, são os testemunhos verídicos sobre as multidões. Os fatos verdadeiros são abundantes, eles nunca faltam à ciência; são os cientistas que não conseguem observá-los. Então, é apenas por ignorância que fatos não autênticos são frequentemente invocados. Pois é sempre possível escolher entre o trigo e o joio. Alguns viajantes eram pouco dignos de fé; não é comprovado, se sabe, que

Chateaubriand viu o Natchez². Alguns outros são maus observadores. Às vezes, interpretam demais e fingem entender coisas que não entendem: como o Sr. Imhaus que o Sr. Marillier refutou seus pontos de vista sobre o tabu melanésiano. Às vezes se previnem em favor dos nativos, ou contra eles; por exemplo, se acusa ou não tribos de canibalismo pelo grau de simpatia que ela inspira, ou até mesmo que inspira um nativo de tribo vizinha, muitas vezes hostil. Outros autores têm preconceitos que viciam as suas observações: de um lado, um antropólogo feroz, negará por toda a parte a existência do conceito de um grande deus; de outro lado, um feroz apologista, encontrará em todo lugar vestígios da revelação primeva: a idéia do Deus criador, o pecado original, a morte, a lenda do dilúvio, e assim por diante. Mas, todos os defeitos dos documentos podem ser desfeitos, reparados ou, pelo menos, criticados. Sempre que se conhece o autor e as circunstâncias do caso, mesmo na ausência de outras fontes, se pode avaliar o grau de fé que lhe pode ser concedida. Na minha opinião, o pior mal, meus senhores, se encontra menos nesses erros do que nas informações vagas ainda tão comuns na literatura etnográfica. A menção precisa dos locais, das datas, das condições de observação permite apenas uma crítica certa. É lamentável ouvir falar do "chinês em geral", mas é ainda mais lamentável ouvir sobre os Peles Vermelhas, os australianos, a "religião da Melanésia". É

² - Nome de um povo indígena da América do Norte que vivia entre os atuais estados de Indiana, Mississipi e Louisiana nos Estados Unidos (Nota do Tradutor).

falar sobre coisas inexistentes. A diversidade é tanta entre os grupos sociais subdesenvolvidos, mesmo pertencendo a uma mesma raça, que basta um pequeno afastamento para que alguns hábitos e costumes muito diferentes apareçam. Se sabe que tribos vizinhas às vezes não se compreendem. Nada é mais variado do que os sistemas religiosos da Índia Britânica, do que os usos populares das comunidades bretãs ou tirolesas. Tudo muda em poucas milhas. Além disso, todos os outros males são reparáveis através de críticas; a imprecisão, contudo, é quase irreparável. Se não se consegue, por força do saber, localizar qualquer informação deste tipo, o fato permanece em uma onda interminável. Não está ligado a um meio ou ambiente social determinado. Fora de tempo e espaço, ele flutua sem um conjunto determinado de outros fatos, contra o qual ele poderia ser criticado.

Senhores, no que concerne a crítica aos fatos, só terei que seguir o exemplo que o Sr. Marillier nos tem dado. Vou por em prática o acesso à pesquisa bibliográfica, exaustiva, na medida do possível, e fecunda, se aplicável. Os fatos são extremamente esparsos; todas as fontes são ainda pouco conhecidas. Farei todos os esforços para fornecer, através de um trabalho comum, um instrumento fundamental do trabalho que falta ainda aos etnógrafos, isto é, um manual completo de indicações bibliográficas, com informações completas para cada grupo social estudado: o que o Sr. Steinmetz chama de "Brehm da Etnografia", e que ainda está faltando. Temos, então, que continuar a exercer, em conjunto, as nossas faculdades críticas. Uma das conferências do curso será

dedicada, especificamente, a uma análise e a um exame minuciosos dos documentos relativos aos fatos de certa ordem, observados nos grupos de sociedades determinadas. Será um seminário de trabalho que faremos juntos, se desejarmos efetivamente, e que consistirá em buscar todas as informações possíveis e trabalhar nelas, tanto quanto pudermos. Este ano, meus senhores, vamos começar pelo estudo de textos etnográficos relativos à magia entre os melanésios. Vamos ler juntos, e vamos procurar, como fizemos em uma conferência de filologia, todos os pressupostos e hipóteses críticas necessários para encontrar a verdade e a realidade do que é falado. Participando, assim, no trabalho um dos outros, tentaremos criar e aumentar a infra-estrutura dos fatos sólidos e bem analisados.

Mas esta descoberta da verdadeira natureza do fato religioso oferece dificuldades reais, que devo assinalá-las. Estas dificuldades, por outra parte, são comuns a quaisquer observações sobre os fenômenos sociais. Ponderem, com efeito, que as melhores informações são as que vêm diretamente do “nativo”. Ora, não há nada mais difícil, mesmo para nós, do que nos dar conta das instituições que praticamos. Recentemente um missionário na Coréia, o Sr. Gale, descreveu muito bem³ as dificuldades que um coreano prova ao tentar narrar as experiências sobre costumes conhecidos e habituais; ele afirmou: "Constato que os costumes são, como a linguagem, uma propriedade cujo proprietário é inconsciente. Por exemplo, um coreano diz algo, e você reza para que ele repita. Ele não pode repeti-lo

³ *Folk Lore*, 1900, p. 325.

exatamente, porque é consciente apenas da idéia que tinha na mente, mas não dos termos que usou. Por isso, vai responder buscando expressar a sua idéia de uma forma mais definida, porém, sob outra forma, mas ele não chega a se repetir exatamente. O mesmo vale para os costumes, eles seguem um caminho também inconsciente. Pergunte-lhes de repente sobre alguma coisa, eles estão propensos a responder que nada existe nesse sentido, e aqui podem ser absolutamente puros de qualquer insinuidade ... Como o ar ... o costume está por toda a parte. A administração da justiça é, em grande parte, uma questão de costume. A transferência da propriedade é usual, e não jurídica. O casamento também é apenas costume. O Extremo Oriente é envolto em tradição e os nativos, em muitos casos é o último avisado da sua existência". O que o Dr. Gale disse sobre os coreanos pode ser dito com mais razões ainda, para os grupos sociais chamados de "incivilizados". Os "nativos" são, muitas vezes, os últimos a saberem exatamente o que pensa e o que faz. A melhor informação é, portanto, incorreta, se tomada em sua forma literal. Há dificuldades persistentes em alcançar a verdade dos fatos. Isto acontece porque os fatos sociais, em geral, e os fatos religiosos em particular, são externos. Eles são a nossa atmosfera intelectual, na qual vivemos e sentimos; como quando nos servimos de uma língua nativa, sem vontade e, sobretudo, sem a consciência das causas de nossas ações. Assim como o lingüista deve reencontrar no âmbito das transcrições falsas de um alfabeto os verdadeiros fonemas pronunciados, do mesmo modo, sob as melhores informações dos nativos, oceânicos ou

americanos, o etnógrafo deve reencontrar os fatos profundos e inconscientes, porque existem apenas na tradição coletiva. São estes os fatos reais, estas coisas, que tentaremos atingir através do documento. Sabendo que os ritos e as crenças são fatos sociais, difíceis de apreender, sempre devemos procurar, meus senhores, qual é sua verdadeira forma, o seu modo de existência, de transmissão, de funcionamento. Aqui, o trabalho de crítica e o trabalho de análise coincidirão de forma exata.

Senhores, a terceira questão, que nos colocamos quero responder. Apenas, de modo breve. Qual a nossa tendência para explicar os fatos? Você vê, você presente e detecta de qual lado dirigiremos os nossos esforços. Embora seja verdade que devemos, acima de tudo, observar os fatos religiosos como fenômenos sociais, é ainda mais verdade que é como tal que se deve dar conta. Se é verdade que a crítica etnográfica nos permitiu quase atingir os fatos religiosos reais, é a outros fatos reais que devemos ligá-los. É aos fenômenos sociais objetivamente constatados que ligaremos os fenômenos religiosos objetivamente constatados. Com isso obteremos sistemas coerentes dos fatos, para que possamos exprimi-los em hipóteses e pressupostos analíticos, provisórios, certamente, mas, em todo caso, racionais e objetivos.

É a este trabalho de encadeamento dos fatos, de síntese, como se diz, que será dedicada, com regularidade espero, uma das duas conferências desse curso. Este ano, o curso irá focar "*As Formas Elementares da Oração*". Tentaremos, acima de tudo, observar efetivamente as formas, em nossa opinião rudimentares,

apresentadas por esta instituição religiosa na Austrália e na Melanésia. E vamos tentar explicar essas formas através dos fatos sociais que são peculiares a estas sociedades. Por exemplo, o elemento essencial do rito oral é a crença na eficácia das fórmulas. Vamos tentar encontrar a causa dessa crença em algumas declarações marcantes dos grupos que praticam seus ritos em comum. Mas não será apenas uma explicação particular, será também uma hipótese geral sobre a natureza da oração. É verdade que foi extraída da observação de fenômenos particulares. Conseguimos isso através de uma série de abstrações e generalizações. Eu não acho, contudo, Senhores, que este resultado possa parecer por isso menos sólido. É suficiente, com efeito, para dar um valor científico a uma teoria, onde se marca efetivamente as distâncias que separam os fatos das hipóteses gerais que os exprimem. Uma hipótese é sempre relativa aos fatos que sistematiza; é suficiente que seja elaborada de forma sistemática, pela comparação e pelo encadeamento dos fatos únicos, constatados fora de nós.

O essencial é que permaneçamos sobre o terreno exclusivo dos fatos e que sistematizemos juntos apenas fatos de uma mesma ordem. Ou seja, é preciso explicar um fato religioso por outros acontecimentos religiosos, ou outros fatos sociais. Deste ponto de vista, senhores, vamos abandonar os métodos antropológicos e psicológicos que eram aplicados antes do Sr. Marillier e até então adotados. Não vamos olhar para os motivos que inspiraram os atos religiosos em geral. Mesmo quando uma crença ou um ritual sejam universalmente generalizados, não iremos explicá-los pelos caminhos

que os ligam a uma razão ideal. Por exemplo, não podemos, de modo algum, apresentar como a causa dos cultos funerários o amor, ou o medo da morte. O fato com o qual os ritos de luto, por exemplo, estão em relação direta e imediata, é o fato da organização familiar; é dela que dependem, e não de sentimentos vagos e indecisos. Além disso, parece que as explicações da psicologia geral e simples já foram dadas. Pode ter dito tudo o que se pode dizer sobre as origens psicológicas da noção de alma, e sobre a natureza da magia como falsa aplicação do princípio da causalidade. Considerem, Senhores, que o trabalho é feito e bem feito. E buscam, do nosso lado, causas realmente diretas. Se os fatos são os mesmos em sociedades muito diferentes, bem! vamos pesquisar qual é o estado social do identico que persiste nessas sociedades. Por exemplo, os rituais de bruxaria são surpreendentemente semelhantes em todas as sociedades. Obviamente é porque possuem por condição as leis psicológicas da associação de idéias. Mas também porque estavam por toda parte por causa dos mesmos estados de consciência coletiva. Se permanem aqui e desaparecem lá, é devido a causas específicas que devem ser buscadas. Nem tudo na magia é explicado pela "unidade do espírito humano". Assim, as relações entre magia e religião estão longe de ser domínio exclusivo da Melanésia, entre outras da mesma espécie. Assumimos, como postulado necessário, que essas diferenças são diferenças de organização jurídica, religiosa, etc. Em uma palavra, decorrem da organização social.

Em suma, permanecer confinado no campo dos fatos religiosos e sociais, que buscam apenas as causas

imediatas e determinantes; renunciar a teorias gerais que não são pouco instrutivas ou que explicam apenas a possibilidades dos fatos, são atos de prudência metódica que negação científica. São meios de tornar as hipóteses em instrumenos mais precisos, mais lógicos e mais forte. Mas, além disso, Senhores, ao fazer isso, pensamos apenas tomar mais consciência das necessidades que outros já atribuíram sentido. Há muito tempo que Robertson Smith criticou o método intelectualista. E, de fato, o Sr. Marillier tentou, muitas vezes, relacionar esse rito, ou essa crença a um fato da vida coletiva: por exemplo, o seu curso sobre o Dilúvio teve por conclusão de explicar as lendas ou as crenças cosmológicas, quer através da memória coletiva de inundações ou marés catastróficas e locais. Trata-se, então, simplesmente, de elevar a altura de um princípio necessário os procedimentos que ele, também, já tinha empregado.

